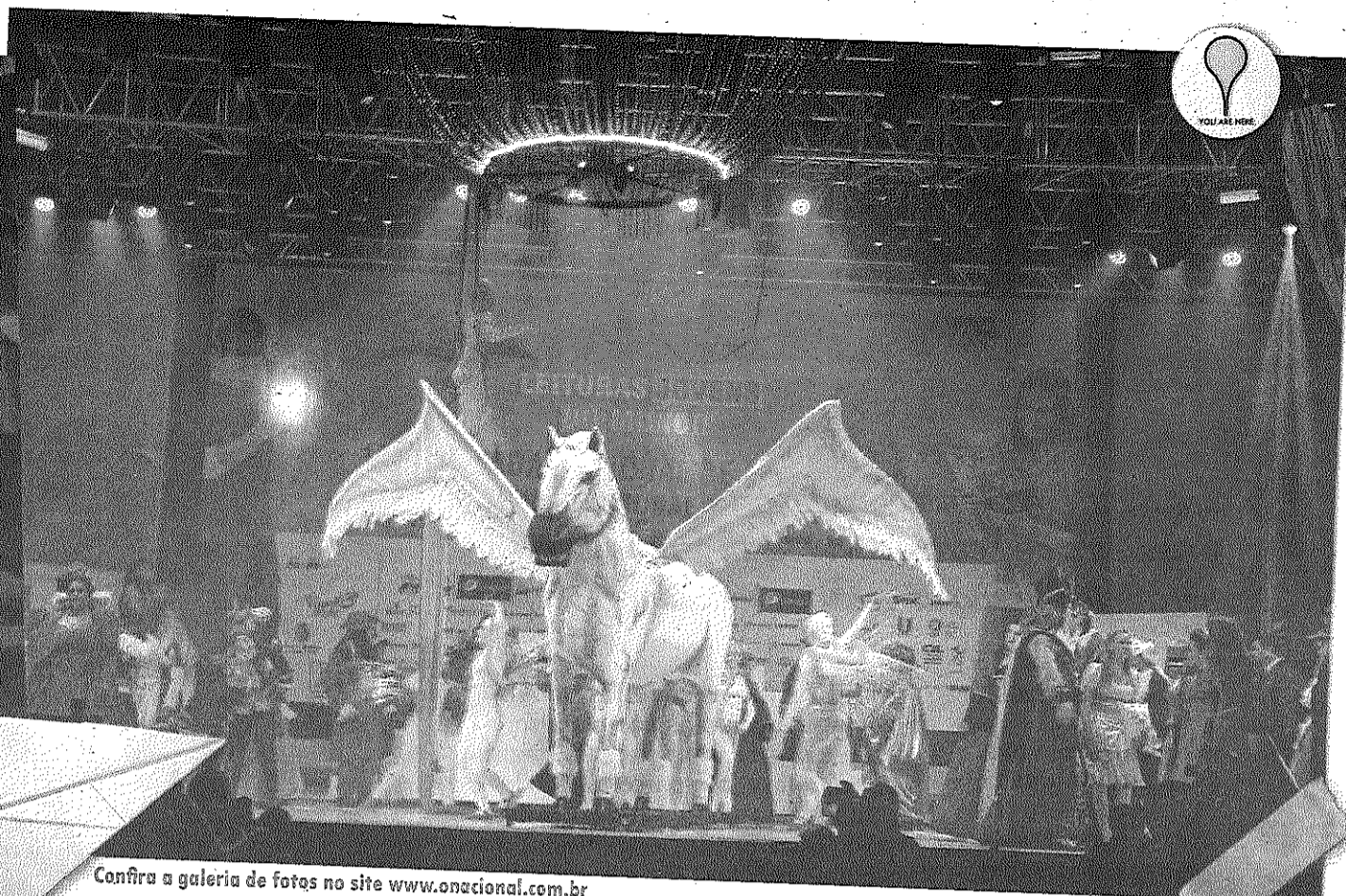


COMO UM LIVRO ABERTO



Confira a galeria de fotos no site www.onacional.com.br

Marina de Campos

Será que alguém esqueceu um livro aberto por aí? Talvez, na pressa de chegar no horário e achar um bom lugar no agora chamado Portal das Linguagens para assistir ao espetáculo de abertura que já estava começando, alguém tenha cometido a besteira de deixar um livro aberto. Tem noção de tudo que pode escapar dali? Para quem tem um pouco de imaginação, foi mais ou menos isso que aconteceu na abertura da 15ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo.

Um menino, lá no alto, lendo, imaginando, adormecendo... e quem sabe um livro aberto, esquecido por ali. De repente o palco é tomado por tudo que se possa sonhar: bruxas, fadas, piratas, rainhas, príncipes, magos, personagens mais que conhecidos como um jovem aprendiz de bruxo ou um chapeleiro maluco, até que os olhos passem a ver coisas espetaculares, leões selvagens, dragões ameaçadores, cavalos alados... e o som de uma gaita de boca começa a soar ao fundo, anun-

ciando que chegou a hora de despertar para uma nova jornada.

Em outras palavras, o espetáculo que marcou o pontapé inicial desta 15ª edição buscou trazer para o público a imensidão da literatura, especialmente aos olhos do jovem que acaba de a descobrir. Como não se traduz facilmente um momento tão visual como este, o importante aqui é dizer que a apresentação quase que inteiramente realizada por artistas locais foi um verdadeiro show, sem ficar devendo a nenhuma das aberturas anteriores. Comandados pelo maestro Fernando Montini, artistas de diversos grupos artísticos da Universidade de Passo Fundo e de outros núcleos de dança e música da cidade encarnaram de verdade a missão de abrir o evento mais importante do ano. Nesse caso, foram santos de casa a fazer milagres.

Além de um figurino bem composto e rico em detalhes, que recorreu aos símbolos clássicos do mundo da fantasia para encher o palco, a cenografia também impres-

sionou com seus grandiosos bonecos que entraram pelo corredor, subiram rampas e desceram dos céus, servindo como o elemento surpresa que show pedia. A trilha sonora foi um espetáculo à parte: cumprindo seu papel de criar a atmosfera certa para cada momento, a música ao vivo embalou as viradas que se davam em cena, ajudando a mostrar as muitas faces que a literatura pode ter. Ópera, samba, tango, música medieval... e a voz potente de Montini sempre presente, - como fez ele em um de seus grandes momentos - de tirar o chapéu.

A entrada discreta de um ruivo de cabelos longos talvez nem fosse notada, se não viesse acompanhada pela gaita de boca e o início da música tema da Jornada. Assim que Humberto Gessinger começou a cantar seus versos, todo o espetáculo ganhou sentido. Pois literatura se lê com os olhos, com a boca, com os ouvidos, de corpo inteiro, de corpo e alma. E se um livro, uma vez aberto, nunca mais volta a ser o mesmo,

aquele que o abre não volta a ser o mesmo, pelo contrário, passa a ser inteiro.

Registro de uma ausência

A Jornada recomeçou e tudo continua aparentemente igual. Mas falta algo... E não é a lona do circo, nem mesmo a antiga segunda-feira tradicional. O que falta é Alcione Araújo. O escritor que passou a ser parte das Jornadas Literárias faleceu na madrugada de 15 de novembro de 2012, deixando aqui uma lacuna irreparável. E um dos momentos mais emocionantes da noite de ontem foi a pausa no protocolo para "registrar sua ausência" com a bela homenagem ao escritor transmitida pelo telão. E não foi preciso que ninguém mais falasse, apenas uma coleção de trechos de suas entrevistas foi suficiente para dizer tudo. Incansável em sua luta por anunciar ao mundo o que é feito aqui, Alcione voltou à vida por alguns minutos para uma verdadeira declaração de amor à Jornada. E vice-versa.



Italac

Nova Marca, Novas Embalagens

www.italac.com.br